

ENCUENTRO DE LA ASOCIACIÓN DE EDUCACIÓN E INVESTIGACIÓN EN CIENCIA DE LA INFORMACIÓN DE IBEROAMÉRICA Y EL CARIBE

XI EDICIC
16 19 OCT 2018
UNIVERSIDAD DE ANTIOQUIA

UNIVERSIDAD DE ANTIOQUIA
Escuela Interamericana de Bibliotecología

TEMA
Tendencias en Ciencias de la Información

LÍNEAS
Fundamentos epistemológicos ▲
Pedagogía y Didáctica ▲
Tendencias ▲

LUGAR:
Edificio de Extensión, Universidad de Antioquia, Medellín, Colombia

Mayores Informes bibliotecologia.udea.edu.co

1MER LLAMADO

A dimensão simbólica como perspectiva heurística: possibilidades do uso do imaginário em investigações sobre o fenômeno infocomunicacional

Eliane Pawlowski Oliveira Araújo

Universidade Federal de Minas Gerais

Gabinete de Estudos da Informação e do Imaginário (GEDII/ECI/UFGM)

elianepaw@yahoo.com.br

Resumo: A busca pela compreensão do fenômeno infocomunicacional tem sido objeto de disciplinas e ciências diversas e complementares, fato determinado pelas características inter e transdisciplinar envolvidas nesta iniciativa. No campo da Ciência da Informação várias têm sido as abordagens utilizadas nesse intento que tem as razões para sua multiplicidade alicerçadas nos mais diferenciados temas de pesquisa desenvolvidos na área. Uma das possibilidades de investigação que vem se consolidando nesta perspectiva, desenvolvida na Universidade Federal de Minas Gerais, contempla a utilização do imaginário como estratégia para se compreender os aspectos intrínsecos aos comportamentos humanos no trato com a informação. Neste sentido, o presente trabalho pretende destacar como essa abordagem pode se apresentar como uma vertente investigativa a ser inserida nos percursos metodológicos contemporâneos na Ciência da Informação. Destaca, em especial, a utilização das Estruturas Antropológicas do Imaginário e sua aplicação empírica intitulada *l'Archétype-Test à 9 éléments* (AT.9), respectivamente, como fundamentação teórica e técnica de pesquisa que possibilitam uma abordagem não usual nos processos de investigação que buscam compreender a relação entre o indivíduo e a informação. Considera-se que a característica conectiva do imaginário permite identificar, dentre outros, as sensibilidades míticas que dominam uma sociedade, visto que o mundo humano é um mundo de percepções, e que o indivíduo se relaciona com ele por meio de significados dados pela cultura. Desta forma, o imaginário corresponde ao fundamento sobre o qual se constroem todas as concepções de homem, de mundo e da sociedade e que permite compreender o dinamismo que regula a vida social e suas manifestações informacionais e culturais. Concluiu-se que a perspectiva simbólica permite ampliar as possibilidades de compreensão dos processos informativos ao utilizar o imaginário como perspectiva heurística e ao se valer de uma dimensão analítica ligada aos elementos que atuam em nível mais profundo no inconsciente que, para serem verificados, implicam o uso de técnicas e dimensões específicas de análise que contemplem as dimensões social, experiencial e contingencial.

Palavras-Chave: Informação. Comunicação. Estruturas Antropológicas do Imaginário. Dimensões Simbólicas. Fenômeno Infocomunicacional

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento da Ciência da Informação (CI), enquanto ciência, reflete o desenvolvimento da própria sociedade. Essa percepção remete às palavras de Boaventura Santos (2006) para quem todo conhecimento científico é socialmente construído, condição

que também é destacada por Nunes (2006) quando afirma que este [conhecimento] não pode ser reduzido a um conhecimento formal sancionado apenas por instituições científicas ou acadêmicas. Ao contrário, Nunes (2006, p.67) aponta que os estudos têm mostrado que as ciências modernas “são o resultado emergente e situado da intersecção e articulação dinâmica de actores humanos, entidades vivas não humanas, materiais de vários tipos, instrumentos, competências diversas, recursos institucionais e financeiros.”

Esse construto é referendado quando se verifica que os assuntos que são investigados pela CI têm se mostrado cada vez mais amplos, complexos e interconectados, tal como são os tempos modernos e tal como apregoa Zygmunt Bauman (2011) quando fala da sociedade líquida. Esta perspectiva de considerar o campo possibilita perceber que a CI não investiga algo longe de nós; antes, como ciência social aplicada, estuda os fenômenos que envolvem seu objeto – a informação – e que tem no ser humano sua base de referência. Estuda a relação do sujeito com a informação, sua organização e recuperação para que esta atenda a sociedade e suas amplas e cada vez maiores necessidades, além de vários outros vieses informacionais que compõem o cotidiano.

Quando se analisa o desenvolvimento histórico-epistemológico da Ciência da Informação é possível notar que, de uma ciência preocupada inicialmente com a eficiência dos sistemas de informação, hoje a CI investiga temas que perpassam não só esses sistemas, mas também os sujeitos informacionais situados em contextos socioculturais distintos e suas mais complexas relações com a informação. Para dar conta de compreender esse cenário, várias técnicas, métodos e abordagens foram e estão sendo incorporadas à área. Dentre as novas vertentes, cabe ressaltar a que tem sido desenvolvida na Universidade Federal de Minas Gerais que contempla a utilização do imaginário como estratégia para se compreender os aspectos intrínsecos aos comportamentos humanos no trato com a informação.

Neste sentido, o presente trabalho pretende destacar como essa abordagem pode se apresentar como uma vertente investigativa a ser inserida nos percursos metodológicos contemporâneos na CI. Destaca, em especial, a utilização das Estruturas Antropológicas do Imaginário e sua aplicação empírica intitulada *l'Archétype-Test à 9 éléments* (AT.9), respectivamente, como fundamentação teórica e técnica de pesquisa que possibilitam uma abordagem não usual nos processos de investigação que buscam compreender a relação entre o indivíduo e a informação. Considera-se que a característica conectiva do imaginário permite identificar, dentre outros, as sensibilidades míticas que dominam uma sociedade,

visto que o mundo humano é um mundo de percepções, e que o indivíduo se relaciona com ele por meio de significados dados pela cultura. Desta forma, o imaginário corresponde ao fundamento sobre o qual se constroem todas as concepções de homem, de mundo e da sociedade e que permite compreender o dinamismo que regula a vida social e suas manifestações culturais, comunicacionais e informacionais.

Cabe destacar que, neste artigo, a informação é tratada como um fenômeno infocomunicacional. Esta denominação demarca um cenário e uma perspectiva específicos que se caracterizam pelas condições de compartilhamento, intencional ou não (o que remete a uma vertente comunicacional) e que pressupõe a consideração do indivíduo como um sujeito social, histórico e emotivo que interage dialogando em diversos contextos e comunidades. Desta forma, a informação apresenta um caráter fenomênico que é caracterizado pelo viés social, pois o sujeito na relação com a informação, a dota de significados que são oriundos de sua cultura (Silva *et al*, 2011). Mas também cabe ressaltar que nem sempre a informação terá uma ação compartilhável numa interação social que pressupõe a existência de outro sujeito. Neste sentido, a definição acima coexiste com a percepção da informação como componente de um fenômeno informacional que explicita uma relação que, apesar de ser situada e contextualizada numa cultura, não implica a noção de comunicabilidade e interação. Por essas considerações, parte-se do pressuposto que tratar a informação como componente de um fenômeno informacional ou infocomunicacional são abordagens complementares, não excludentes, e que orienta o foco do que se objetiva investigar. Algumas vezes, os dois fenômenos ocorrem simultaneamente; em outras, só se verifica uma das perspectivas de análise (Araújo, 2017).

UMA CIENCIA EM DESENVOLVIMENTO

A Ciência da Informação é uma ciência dita “recente”. Essa afirmação pressupõe que houve um processo de “criação” com um início o que, para uma ciência, parece uma condição surreal, pois o conhecimento que culmina na criação de um novo campo de investigação é fruto de acontecimentos que se somam ao longo do tempo. No caso da CI, alguns fatores nos permitem atribuir-lhe um período de nascimento vinculado ao período pós segunda grande guerra. Aldo Barreto, em seu texto sobre a história da Ciência da Informação, considera Vannevar Bush¹ como o pioneiro desta ciência e o ano de 1945 como sua data fundadora. Freire (2006), por sua vez, atribui a década de 1960 como esse

¹ Por seu artigo *As we may think*.

marco² considerando os eventos promovidos pelo *Georgia Institute of Technology*, nos Estados Unidos. Para além dessas considerações pontuais, o que interessa destacar aqui é o desenvolvimento ocorrido nesta ciência a partir do início da guerra fria²

quando a informação passou a ser considerada como um recurso estratégico, uma arma para a luta em uma guerra que não acontecia nos campos de combate armado, mas se travava no campo das estratégias e do desenvolvimento científico-tecnológico.

Barreto (2007) estabelece uma categorização didática sobre o desenvolvimento da CI que se aproxima do viés que é explorado neste artigo: um primeiro tempo com um foco na gerência da informação (de 1945 a 1980), um segundo no qual se buscava compreender a relação informação- conhecimento (de 1980 a 1995) e um terceiro tempo, denominado como conhecimento interativo (de 1995 em diante), no qual o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação alçam o documento, a informação e a criação do conhecimento a outros patamares.

Nesse retrospecto (que aqui terá como foco os aspectos referentes a uso, usuários e sujeitos informacionais), o primeiro contexto histórico compreende os primeiros anos do pós-guerra no qual organizar e recuperar o grandioso volume de informação decorrente da guerra fria com os aparatos tecnológicos disponíveis exigia técnicas cada vez mais eficazes. Segundo Barreto (2007, p.25) essa “era da gestão trouxe o esplendor das classificações, indexações, tesouros, medidas de eficiência na recuperação do documento determinadas por uma linguagem de armazenamento específica: a recuperação e precisão nas buscas por informação”. O que se observava em relação à informação nesse período era a eficiência dos sistemas existentes no fornecimento de informações aos cientistas e tecnólogos, pois a informação era o que iria possibilitar a criação de conhecimento e assegurar a primazia dos países. Assim, o usuário da informação era visto como um informante sobre a eficácia, ou não, dos sistemas e seu papel era secundário nas análises empreendidas. Essa abordagem, que colocava a informação como externa e objetiva, não levava em consideração as tarefas de interpretação, formulação e aprendizagem envolvidas no processo de busca de informação (Ferreira, 1997).

² Freire (2006) considera que o registro oficial da denominação ciência da informação data do início da década de 1960 a partir de eventos promovidos pelo *Georgia Institute of Technology*, onde foi discutida a criação de novas tecnologias de informação, consequência natural do crescimento da produção científica.

No segundo período (de 1980 a 1995) os estudos, que antes visavam o planejamento de serviços ou sistemas de informação e preocupavam-se apenas com os aspectos de seu funcionamento, passaram a adotar novos pressupostos que permitissem compreender o comportamento e as necessidades de informação dos usuários. Segundo Baptista e Cunha (2007), os estudiosos perceberam que as pesquisas com técnicas quantitativas não contribuíam para identificar as necessidades individuais e implementação de sistemas de informação adequados a essas necessidades. Assim, inclusão de teorias de outras áreas e a realização de estudos qualitativos com foco no usuário passaram a considerar não apenas os comportamentos externos dos usuários (como os empréstimos realizados numa biblioteca, por exemplo), mas suas cognições e pensamentos. Essa mudança ocorreu dentro de um contexto sócio histórico no qual o desenvolvimento tecnológico foi alterando a relação dos indivíduos com a informação e o mundo passou por mudanças estruturais como a queda do muro de Berlim, ato que marcou o fim da guerra fria. Também o interesse pela compreensão dos fenômenos vinculados à mente humana, num segundo movimento de revolução cognitiva, influenciou a CI e articulou disciplinas como Antropologia, Linguística, Neurociência, Psicologia, Inteligência Artificial e Filosofia (Vasconcellos; Vasconcellos, 2007).

O terceiro momento, tido a partir de 1995, é marcado por uma apreciação do sujeito, não apenas em sua relação com a informação, mas também com o conhecimento, num *continuum* que vem desde o final da década de 1980 e que considera, além da percepção meramente cognitivista, a inserção de aspectos sociais e culturais. A incorporação desse novo escopo aborda a informação como algo construído e o contexto social começa a ser ponderado como fator interveniente no processo que envolve aspectos relativos à necessidade, busca e uso da informação.

O que o estudo de Barreto (2007) não explorou, e que agora se somam às reflexões apontadas pelo autor, foram as novas questões que surgiram no campo a partir do final dos anos 1990. As perguntas que foram sendo incorporadas à CI passaram a questionar e analisar também a não intencionalidade da busca por informação, o movimento não diretamente regido por uma necessidade ou demanda informacional e o contato cotidiano com a informação, questões que conformam uma nova perspectiva de investigação na CI denominada práticas informacionais. Nesta, não há apenas usuários da informação, mas sujeitos informacionais, indivíduos que não são portadores de lacunas a serem preenchidas com informações, mas sim sujeitos que constroem suas relações com a informação

coletivamente.

Há, também, um campo que ainda não foi explorado na retrospectiva feita por Barreto (2007) que amplia, ou até inaugura, um novo foco com questionamentos que estão sendo postos para os estudos informacionais. Estas questões, que envolvem compreender os aspectos subjetivos e inconscientes dos sujeitos no trato com a informação, vêm no bojo do aumento da complexidade do mundo contemporâneo no qual o “recurso escasso”, não é mais a informação, mas a capacidade humana de lidar com ela. Albright (2011) é uma das autoras que percebe a necessidade de se propor novas perspectivas de estudo por considerar que a maioria das teorias sobre o comportamento informacional reflete apenas uma perspectiva cognitiva na qual se enfoca apenas o papel do pensamento e do sentimento conscientes, mas não considera as motivações e as emoções subjacentes que estão fora do domínio da consciência. Berganini (1994) e Dobay (2014), percebendo a mesma complexidade da sociedade contemporânea, destacaram em seus estudos a existência de comportamentos que são movidos pela força das pulsões interiores referindo-se a uma dimensão que não é cognitiva, mas emotiva, subjetiva e visceral.

Este viés de investigação, que passou a considerar não apenas os aspectos visíveis, mas as motivações inconscientes que perpassam a relação do sujeito com a informação, culminou em uma nova abordagem que vem sendo desenvolvida na CI desde 1999³. Nas pesquisas desenvolvidas sob essa nova perspectiva, a compreensão vai além de analisar a construção dos processos informativos, que é definida nas ações dos sujeitos em seus contextos sociais, característica da abordagem social da Ciência da Informação, campo que estuda as práticas informacionais. Intenta, pois, contemplar uma área que as abordagens até então vigentes não exploraram com a repercussão necessária, que são os estudos de sujeitos informacionais sob uma perspectiva psicossociológica. Por esse viés busca-se incorporar à diversidade dos aspectos humanos os aspectos ligados às motivações do inconsciente (Araújo, 2017).

A imprescindibilidade deste tipo de investigação, desenvolvida inicialmente por Araújo (2013; 2017) e Paula (1999, 2005, 2012), foi mencionada por Bawden e Robinson (2008, p.9) que consideraram que o progresso satisfatório nos estudos da CI depende de uma melhor compreensão dos fundamentos do comportamento informacional humano e as maneiras pelas quais ele se modifica ao longo do tempo. Para esses autores este é, talvez, “o desafio mais básico para a ciência da informação nas próximas décadas”.

³ Vide pesquisas realizadas em <http://gedii.eci.ufmg.br>.

O IMAGINÁRIO COMO PERSPECTIVA HEURÍSTICA

Quando se busca compreender as motivações inconscientes na relação do sujeito com a informação, várias perspectivas de investigação podem ser desenvolvidas. O que irá determinar qual estratégia seguir será o que se busca investigar e o que se pretende descortinar. A opção por utilizar o imaginário como vertente investigativa, ou seja, como um objeto sobre o qual se aplica uma hermenêutica, parte do pressuposto de que desde os primórdios da civilização o ser humano procurou construir sentidos e, nessa perspectiva, a cultura, e de forma especial, a mitologia, o auxiliaram a conhecer sua origem e promover sua adaptação (Araújo, 2017).

Essa faculdade de significar o mundo implica em entrar no plano simbólico, transformando as questões cotidianas por meio da cultura. Neste processo, Pitta (1995) destaca que o indivíduo se utiliza de uma função da mente que é a imaginação. Para a autora, o raciocínio e a razão permitem ao sujeito analisar os fatos e compreender a relação existente entre eles, mas não são capazes de criar significado:

Para que a criação ocorra é necessário imaginar. É o que fazem, na sociedade ocidental, os filósofos, os cientistas sociais, os que estudam as religiões, os políticos, os arquitetos, os artistas, os físicos, os matemáticos... Criam filosofias, teorias, religiões, obras... Criam, a cada instante, o mundo. (Pitta, 1995:1)

Essa perspectiva se alia aos achados de Carl Gustav Jung, psiquiatra suíço fundador da Psicologia Analítica, que, em suas investigações sobre o inconsciente, identificou que este contém não só conteúdos de ordem pessoal, mas também de ordem impessoal e coletiva. Este último configura-se como a camada mais profunda do inconsciente e se sustenta sobre certas estruturas mentais responsáveis pelos potenciais psicofisiológicos que, ao agir como predisposições em interação com o meio ambiente, estruturam a forma como o ser humano atribui sentido ao mundo. Jung (1985, 2011) identifica essas estruturas como imagens universais (arquétipos) que são simultaneamente sentimento e pensamento, possuem vida própria e são reconhecidas sob a forma de elementos constitutivos de mitos, lendas, obras de arte e até mesmo de sistemas religiosos, filosóficos e científicos.

Ao se considerar que “um quinto, um terço, ou talvez metade da vida humana se desenrola em condições inconscientes” (Jung, 1985, p.4) e que a estrutura que compreende o inconsciente coletivo, conforme se vê nas afirmações de Araújo et al (2001, p.6), subjaz aos

modos de ser, pensar e agir dos indivíduos, organizando-lhes as imagens e fazendo a mediação da relação do homem com o mundo, enveredar pelos campos do imaginário como perspectiva investigativa possibilita alcançar dimensões de análise que outras vertentes não contemplam. Guerriero (2001) retrata bem esta possibilidade quando afirma que

Acumulamos o saber de nossos ancestrais, reelaboramos esse conhecimento eliminando algumas partes e acrescentando o que descobrimos e inventamos e transmitimos tudo isso a nossos descendentes. Não nos limitamos apenas às nossas experiências, mas através da linguagem simbólica temos acesso também às experiências de nossos semelhantes. A capacidade de simbolização e criação cultural permitiu-nos constituir uma extraordinária característica: pensar no que não está presente diante de nossos olhos. Essa capacidade de abstração e transcendência possibilitou superar as limitações impostas pela natureza. (Guerriero, 2001, p.26).

Baseados, também, na argumentação de outros autores como (Silva e Araújo, 2006; Wunenburger, 2002; D'Humiac, 1900), considera-se que há uma relação de compatibilidade e complementaridade entre razão e imaginação na compreensão do mundo que permite utilizar o imaginário e o simbólico como perspectiva hermenêutica nos estudos sobre sujeitos informacionais.

Uma das possibilidades de uso do imaginário como vertente investigativa se baseia nos estudos de Gilbert Durand cuja obra sistematiza uma classificação dinâmica das imagens, as *Estruturas Antropológicas do Imaginário*, e apresenta como princípio uma configuração baseada na constelação de imagens simbólicas. Este antropólogo foi responsável por trazer o imaginário ao cenário dos estudos acadêmicos por considerá-lo como o alicerce sobre o qual se constroem as concepções de homem, de mundo e de sociedade demonstrando que o imaginário não é uma abstração, mas segue regras estruturais que possibilitam uma hermenêutica.

Segundo Durand (2012), o imaginário pode ser expresso, dentre outras formas, por meio do símbolo. Por ser uma representação que faz “aparecer” um sentido secreto que tende a se repetir (caracterizando uma redundância, o que lhe soma uma potência complementar), o símbolo possui a capacidade de evocar, por uma relação natural, algo ausente ou impossível de ser percebido. Yves Durand (1987, p.134), discípulo de Gilbert Durand, considera que o símbolo envolve a idéia de uma reunião entre um sentido e uma imagem, ou seja, “a reunião de um aspecto vivenciado (o sentido) e de um componente espacial (a imagem)”.

A DIMENSÃO SIMBÓLICA COMO POSSIBILIDADE INVESTIGATIVA NA CI

O imaginário, por se configurar como um elemento constitutivo do comportamento do *homo sapiens*, possibilita a organização das experiências e ações humanas. Assim, por postular, conforme mencionam Araújo e Baptista (2003), uma abrangência integradora de um olhar poliédrico e multiperspéctico, intenta compreender a ação humana no quadro das dinâmicas histórico-culturais.

Segundo Araújo (2017), além dos métodos desenvolvidos por Gilbert Durand, outras técnicas e conceitos foram incorporados à sua hermenêutica. Dentre esses se destaca um teste denominado Teste Arquetípico de Nove Elementos (AT.9) proposto pelo psicólogo francês Yves Durand (1988), que tinha como pressuposto consolidar, por meio de uma aplicação empírica, a arquetipologia durandiana. O AT.9 objetiva, por meio da materialização pictográfica de uma história, da “narrativa linguística” e da sistematização dos fatos que atribuem sentido à composição realizada, identificar os núcleos organizadores de simbolização (denominados pelo autor como microuniversos míticos) que irão revelar como o indivíduo expressa sua angústia existencial. Adaptado aos estudos em Ciência da Informação, o teste possibilita compreender como os sujeitos informacionais se relacionam com a informação e com o mundo por meio da informação. Por permitir identificar os microuniversos míticos dos indivíduos, considera-se que o AT.9 possibilita compreender como estes reagem à interferência externa, denotando o que permeia suas ações no dia a dia, o que envolve as questões informacionais.

As investigações que utilizaram o AT.9 na Ciência da Informação foram desenvolvidas por Araújo (2013; 2017) e Sá (2015). Essas pesquisas procuraram evidenciar a relação do uso da informação quando da tomada de decisão de bibliotecários em atividades de análise de assunto, de gestores em decisões estratégicas em organizações e de compartilhamento de conhecimento entre docentes e discentes em atividades de orientação acadêmica em cursos de pós-graduação *stricto sensu*. No caso dos bibliotecários, o uso da perspectiva simbólica possibilitou compreender, pela caracterização dos microuniversos míticos, que as formas de seleção de termos na atividade realizada dentro do processo de catalogação estão relacionadas a que tipo de desafio esta atividade representa, consideração que foi associada à forma como os indivíduos pesquisados significam o mundo (Araújo, 2013).

Na investigação conduzida com gestores em situações de tomada de decisão estratégica foram realizadas associações a algumas imagens utilizadas pelos pesquisados o que

permitiu identificar simbolicamente como a informação se associou ao universo imaginário de cada um. Esta análise propiciou uma reflexão sobre o que motiva a escolha de determinadas informações em detrimento de outras, fato que também que foi associado ao microuniverso mítico de cada gestor (Araújo, 2017). Já o uso do AT.9 no estudo sobre o compartilhamento de conhecimento permitiu evidenciar os aspectos subjetivos envolvidos no processo de orientação acadêmica, que é envolto numa gama de afetos, expectativas e fantasias, e demonstrar que a pós-graduação representa um lócus de mudanças, transformação e crescimento (Sá, 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

... este Imaginário, longe de ser a epifenomenal “louca da casa”⁴ a que a sumariíssima psicologia clássica o reduz, é, pelo contrário, a norma fundamental – a “justiça suprema”, escreve Breton – diante da qual a contínua flutuação do progresso científico aparece como um fenômeno anódino e sem significação. (Gilbert Durand, 2012:19)

A perspectiva simbólica possibilita acessar e compreender as motivações intrínsecas aos processos infocomunicacionais, seara na qual os estudos desenvolvidos na CI até então não tinham penetrado, deixando entrever uma possibilidade de investigação a ser explorada. Entretanto, mais do que uma possibilidade de investigar, adotar essa perspectiva sugere outro olhar para o fenômeno, que já buscava novas visões para algumas demandas manifestas por autores da área.

Percebeu-se que o uso da dimensão simbólica, a qual permite que aspectos subjacentes às ações sejam evidenciados, se consolida como um esforço remitologizador de uma “hermenêutica instaurativa” (Araújo; Silva, 1995) condição que, aplicável à Ciência da Informação, possibilita novas possibilidades de análise dos fenômenos infocomunicacionais. O princípio da teoria desenvolvida por Gilbert Durand, que foi utilizado nas pesquisas aqui apresentadas, considera que o imaginário, ao se equipar de um repertório de imagens para enfrentar a morte dando-lhes um sentido, acaba por ressignificar a vida. Contudo, apesar de configurar como uma alternativa promissora de investigação, enveredar pelos caminhos simbólicos traz implícito um risco da leitura rasa do simbolismo e da associação crua das representações feitas pelos sujeitos. É preciso, assim, um olhar

⁴ “Expressão usada por Nicolas de Malebranche, grande orador e filósofo metafísico francês do século XVII ao referir-se à imaginação, e citada por Voltaire. (N.do T.)” (Chevalier; Gheerbrant, 2015, XII).

atento e cuidadoso no estudo do fenômeno e na sua interpretação.

Como menciona Silva (2017, online), “o ser humano cria, expressa, acumula, busca e usa representações mentais e emocionais, o que o converte num produtor informacional, num mediador infocomunicacional e num usuário/interprete/transformador de informação”. Assim, para explorar essas “dimensões humanas”, a Ciência da Informação deve recorrer à sua natural vocação interdisciplinar e se utilizar do imaginário e dos arquétipos para compreender os aspectos inconscientes e subjetivos relacionados a esses fenômenos.

REFERÊNCIAS

Albright, K. S. (2011) Psychodynamic perspectives in information behaviour. *Information Research*, 16(1) paper 457

Araújo, A. F.; Baptista, F. P. (2003) *Variações sobre o imaginário: domínios, teorizações, práticas hermenêuticas*. Lisboa: Instituto Piaget

Araújo, A. F., Magalhães, J.; Araújo, J. M. (2001) *História, educação e imaginário*. Universidade do Minho. Braga, Portugal

Araújo, A. F.; Silva, A. M. (1995) Mitanálise e interdisciplinaridade. Subsídios para uma hermenêutica em educação e em ciências sociais. *Revista Portuguesa de Educação*, 8 (i).

Araújo, E. P. O. (2013) *Tomada de decisão organizacional e subjetividade: análise das dimensões simbólico-afetivas no uso da informação em processos decisórios*. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte.

Araújo, E. P. O. (2017) *Comportamento informacional em processos decisórios estratégicos: dimensão simbólica do uso da informação por gestores*. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte.

Baptista, S. G.; Cunha, M. B. (2007) Estudo de usuários: visão global dos métodos de coleta de dados. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, maio/ago.

Barreto, A. A. (2007). Uma história da ciência da informação. In: Toutain, L. B. (org) *Para entender a ciência da informação*. Salvador: Edufba

Bauman, Z.(2011) *44 cartas do mundo líquido moderno*. Editora Zahar

Bawden, D.; Robinson, L. (2008) The dark side of information: overload, anxiety and other paradoxes and pathologies. *Journal of Information Science*, Disponível em: <http://openaccess.city.ac.uk/3109/1/dark%20side%20of%20information.pdf>

Bergamini, C. W. (1994) Liderança: a administração do sentido. *Revista de Administração de Empresas*. São Paulo, v. 34, n. 3, mai/jun.

D'Humiac, M. (1900) *As grandes lendas da humanidade*. São Paulo: Cultura Moderna.

Dobay, E.S. (2014) *Complexidade e tomada de decisão*. Dissertação (Mestrado) Universidade de São Paulo. Instituto de Física. São Paulo

Durand, G. (2012) *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes

Durand, Y. (1987) A formulação experimental do imaginário e seus modelos. *Revista Fac. Educ.* São Paulo, 13 (2): 133-154, jul/dez. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/rfe/article/view/33396/36134>.

Ferreira, S. M. S. P. (1997) Estudo de necessidades de informação: dos paradigmas tradicionais à abordagem *Sense-Making*. *Documentos ABEED*. Disponível em <http://www.eca.usp.br/nucleos/sense/textos/sumar.htm>

Freire, G. H. (2006) Ciência da informação: temática, histórias e fundamentos. *Perspect. ciênc. inf.*, Belo Horizonte, v.11 n.1, p. 6-19, jan./abr. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/pci/v11n1/v11n1a02>.

Guerriero, S. (2001) As origens do antropos. In: Guerriero, S.; Ribas, J.B.C.; Kemp, K.; Passador, L.H.; Ferrari, M.D. *Antropos e Psique: o outro e sua subjetividade*. São Paulo: Olho d'água

Jung, C. G. (1985) *Fundamentos de psicologia analítica*. Petrópolis: Vozes

Jung, C. G. (2011) *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. 7 ed. Petrópolis: Vozes

Nunes, J. A. (2006) Um discurso sobre as Ciências 16 anos depois. In: Santos, B. S. (org). *Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado*. São Paulo: Cortez

Paula, C. P. A. (1999) *Informação e psicodinâmica organizacional: um estudo teórico*. Dissertação Mestrado. Escola de Ciência da Informação. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte

Paula, C. P. A. (2005) *O símbolo como mediador da comunicação nas organizações: uma abordagem junguiana das relações entre a dimensão afetiva e a produção de sentido nas comunicações entre professores do departamento de psicologia de uma instituição de ensino superior brasileira*. Tese (doutorado) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Paula, C. P. A. (2012) Proposta de metodologia para a investigação do comportamento de busca informacional e do processo de tomada de decisão dos líderes nas organizações: introduzindo uma abordagem clínica na informação. *XIII ENANCIB*. Rio de Janeiro

Pitta, D.P.R. (1995) *Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand*. Recife. UFPE. Disponível em gepai.yolasite.com/resources/Texto%20Iniciação%20Teoria%20do%20Imaginário.doc.

SÁ, R. M. C. (2015). *Compartilhamento do conhecimento e o processo de orientação de discentes de pós-graduação stricto sensu*. Dissertação. (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Santos, B. S. (2006) *Um discurso sobre as ciências*. 4 ed. São Paulo: Cortez.

Silva, A. M.; Araújo, A. F. (2006) Para uma mitanálise da fundação sagrada do reino de Portugal em Ourique. In: *Estudos em homenagem ao Professor Doutor José Amadeu Coelho Dias*, v. 1.

Silva, L. L.; Silva, A. M.; Zaidan, F. H. (2011) Reflexões teóricas sobre o comportamento infocomunicacional de utilizadores das redes sociais na internet. *Revista de Informática Aplicada*, v.7, n.2.

Vasconcellos, S. J. L.; Vasconcellos, C. T. D. V. (2007). Uma análise das duas revoluções cognitivas. *Psicol. estud.* vol.12 no.2 Maringá, mai/ago.

Wunenburger, J. J. (2002) *La vie dès images*. Grenoble (France): Presses Universitaires de France.